

O movimento de constituição do campo da estética implica um duplo movimento de delimitação recíproca. De um lado, a reflexão estética prolonga-se e destaca-se de campos conexos da teoria: política, ética, poética, crítica, musicologia, dramaturgia etc. De outro lado, ela recebe seu material e seu *têlos* das diversas artes: a música, o teatro, a literatura, a arquitetura, o cinema etc.

Neste seu terceiro número, a revista ARTEFILOSOFIA consagra-se especialmente a vislumbrar algumas diferentes paisagens criadas por este duplo movimento. Abrindo o número, apresentamos a tradução de um importante artigo do professor Berys Gaut, da Universidade de St. Andrews (Escócia), sob o tema da eticidade. Afeito à tradição da filosofia analítica, cuja vertente propriamente estética, por diversas razões, é ainda relativamente negligenciada no Brasil (em que pesem estudos e traduções recentes da obra de Arthur Danto), o artigo foi originalmente publicado na *The Routledge Companion to Aesthetics*, obra de referência indiscutível na área.

Os artigos inéditos neste número foram agrupados por afinidade temática. Primeiramente, apresentamos um dossiê contendo artigos que tratam de temas relativos ao que poderíamos englobar sob a rubrica geral de “filosofia da literatura”. Proust, Sainte-Beuve, Baudelaire, sem esquecer de Aristóteles, fundador da disciplina, são lidos por autores como Rosa Dias, Graciela Deri de Codina, Wolney Unes, Teodoro Rennó Assunção e Luisa Severo Buarque de Holanda. Os textos aqui reunidos tratam de uma vasta gama de temas, desde a metafísica do belo até o uso do haxixe, passando pelo desejo, a temporalidade e a dispersão da vontade.

Slavoj Žizek contribuiu uma vez mais com nossa revista, desta feita com um inédito, sobre Mozart e o pós-modernismo, abrindo a seção de música e filosofia. Também sobre Mozart, escreve Tristan Torriani, seguido de Fernando Barros, que analisa primorosamente a crítica de Nietzsche a Wagner. Fecha a seção Luis Castelões, que estuda a onomatopéia musical, num artigo cheio de exemplos musicais.

Douglas Garcia e Márcio Seligmann-Silva abordam, respectivamente, os temas do corpo e da loucura, apoiando-se o primeiro numa leitura adorniana das novelas de Modesto Carone e o segundo na obra de Arthur Bispo do Rosário. Já Pierre Magne analisa, a partir de Foucault, as relações entre espaço e poder, enquanto Virginia Figueiredo e Rozângela Gontijo abordam, a quatro mãos e em duas vozes, o conflito entre moral e política a partir do cinema de Eric Rohmer. Fechando o conjunto de artigos inéditos, Arthur Grupillo parte de *As preciosas ridículas* para abordar a dialética do ridículo em Molière. Finalmente, apresentamos a tradução de uma das lições de *La Doctrine inouïe. Dix leçons sur le théâtre classique français*, de François Regnault que aborda, também a partir de Molière, a hipocrisia e a impostura.

Fechando o número, Myriam Ávila traduz “A língua de Adorno”, de Günther Grass.